

A percepção criminológica em Crime e castigo: elemento de integração entre literatura e filosofia em Dostoiévski e Nietzsche

Criminological perception in Crime and punishment: element of integration between literature and philosophy in Dostoevsky and Nietzsche

Percepción criminológica en Crimen y castigo: elemento de integración entre literatura y filosofía en Dostoiévski y Nietzsche

Recebido: 20/09/2022 | Revisado: 02/10/2022 | Aceitado: 03/10/2022 | Publicado: 10/10/2022

Leonardo Vieira Ramos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9411-5954>
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
E-mail: vieiraleonardo.ufrn@hotmail.com

Oswaldo Pereira de Lima Junior

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0019-1391>
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
E-mail: oswaldo.lima@ufrn.com

Rommel Costa Furtado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2302-2109>
Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil
E-mail: rommel.furtado@gmail.com

Resumo

O presente artigo visa analisar a obra *Crime e castigo* (1866), que retrata profundamente o período de grandes reformas sociopolíticas na Rússia através de uma abordagem polifônica. Na obra, o autor representa o castigo por meio do tormento sofrido pela culpa e a (má) consciência após a prática do crime. Destarte, a pesquisa analisará, ainda, o que Friedrich Nietzsche, leitor de Dostoiévski, em seus estudos sobre a etimologia e genealogia da culpa e castigo, influenciado pelo russo, denomina má consciência, bem como o paralelo entre essas ideias e a tragédia *Eumênides*, de Ésquilo, na qual as Erínias, deusas que se assemelham, em sua significância, àquilo que Nietzsche trata por má consciência, assumem papel relevante na expiação da culpa. O trabalho busca relacionar as nuances entre os estudos antepostos e a criminologia, trazendo a importância da interpretação sobre o protagonista e a decorrente influência acerca da percepção do castigo. A metodologia utilizada foi a hipotético-dedutiva, com natureza teórica, abordando qualitativamente e objetivando a explicação do conteúdo, com o propósito avaliativo-formativo. Analisados os aspectos da culpa e da consciência em *Crime e castigo* e sua relevância em outros tempos, assim como a representação da importância dada à criminologia na época do romance, nota-se o impacto que o estudo acerca do estado de consciência do protagonista tem na sentença.

Palavras-chave: Dostoiévski; Nietzsche; Má consciência; Criminologia.

Abstract

This article aims to analyze the work *Crime and Punishment* (1866), which deeply portrays the period of great sociopolitical reforms in Russia through a polyphonic approach. In the work, the author represents the punishment through the torment suffered by guilt and the (bad) conscience after committing the crime. Thus, the research will also analyze what Friedrich Nietzsche, a reader of Dostoevsky, in his studies on the etymology and genealogy of guilt and punishment, influenced by the Russian, calls bad conscience, as well as the parallel between these ideas and the tragedy *Eumenides*, of Ésquilo, in which the Erinyes, goddesses that resemble, in their significance, what Nietzsche calls a bad conscience, assume a relevant role in the atonement of guilt. The work seeks to relate the nuances between the previous studies and criminology, bringing the importance of interpretation about the protagonist and the resulting influence on the perception of punishment. The methodology used was the hypothetical-deductive, with a theoretical nature, approaching qualitatively and aiming at the explanation of the content, with the evaluative-formative purpose. Analyzing the aspects of guilt and conscience in *Crime and Punishment* and its relevance in other times, as well as the representation of the importance given to criminology at the time of the novel, it is noticed the impact that the study about the protagonist's state of conscience has on the verdict.

Keywords: Dostoevsky; Nietzsche; Bad conscience; Criminology.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la obra *Crimen y castigo* (1866), que retrata profundamente el período de grandes reformas sociopolíticas en Rusia a través de un enfoque polifónico. En la obra, el autor representa el castigo a través del tormento sufrido por la culpa y la (mala) conciencia después de cometer el delito. Así, la investigación también analizará lo que Friedrich Nietzsche, lector de Dostoiévski, en sus estudios sobre la etimología y genealogía de la culpa y el castigo, influido por el ruso, denomina mala conciencia, así como el paralelismo entre estas ideas y la tragedia *Euménides*, de Esquilo, en el que las Erinias, diosas que se asemejan, en su significado, a lo que Nietzsche llama una mala conciencia, asumen un papel relevante en la expiación de la culpa. El trabajo busca relacionar los matices entre los estudios previos y la criminología, trayendo la importancia de la interpretación sobre el protagonista y la consecuente influencia en la percepción del castigo. La metodología utilizada fue la hipotética-deductiva, con carácter teórico, abordando cualitativamente y visando la explicación del contenido, con finalidad evaluativa-formativa. Analizando los aspectos de culpa y conciencia en *Crimen y Castigo* y su relevancia en otras épocas, así como la representación de la importancia otorgada a la criminología en la época de la novela, se advierte el impacto que tuvo el estudio sobre el estado de conciencia del protagonista. tiene sobre el veredicto.

Palabras clave: Dostoiévski; Nietzsche; Mala conciencia; Criminología.

1. Introdução

A presente pesquisa objetiva uma contribuição para a fundamental interligação entre o Direito, a Psicologia e a Literatura, mirando sobretudo nos textos do escritor russo Fiódor Dostoiévski e do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, declaradamente interlocutor daquele. Nesse sentido, relacionar-se-á a culpa dostoiévskiana – que seria o castigo de “*Crime e castigo*” (1866) – com a má consciência nietzschiana – desenvolvida em “*Genealogia da moral*” (1887).

À vista disso, buscar-se-á contextualizar essas ideias na Criminologia, expressando sua relevância para o Direito. Será usado como parâmetro de análise o trágico romance polifônico russo, que revela vividamente as nuances psicológicas do criminoso, em seu consciente e em seu inconsciente, demonstrando que, conforme os crimes ficam mais complexos, o Direito depende fortemente da interdisciplinaridade, especialmente da análise psicológica, acompanhada da interpretação da conjuntura de quem está sendo julgado.

Nessa senda, será estudada a relação entre a “má consciência” e as Erinias, deusas representadas e analisadas na obra “*Eumênides*”, do tragediógrafo grego Ésquilo, como a expressão da vingança, mas que, ao serem apaziguadas, assumindo sua exteriorização de Eumênides, significam a benevolência, referindo-se a uma apreciação humanizada do castigo, o que dialoga de forma simbólica com os estudos do filósofo francês Michael Foucault em “*Vigiar e punir*”.

Michel Foucault faz uma análise de como a noção de punição muda e se adapta conforme o tempo decorre: o que outrora era um trivial instrumento de vingança real, fundamentada no orgulho individual, passa a ser um mecanismo de controle – leia-se, de domesticação – social, dividindo de modo binário a sociedade em normais e anormais, loucos e não-loucos; ou, na visão de Raskólnikov, protagonista de *Crime e castigo*, em ordinários e extraordinários.

Por fim, após a exposição de tais relações, será realizada uma leitura sobre a representação da Criminologia – ciência que se caracteriza por enfatizar o estudo e a investigação da percepção do criminoso – na tragédia que ocorre nos arredores peterburgueses de “*Crime e Castigo*”, demonstrando sua importância na conclusão da narrativa, já que afeta diretamente o julgamento do protagonista. Demonstrar-se-á a imprescindibilidade dessa ciência, especialmente nos casos que requerem conhecimento e análise psicológica do sujeito criminoso, pois distinguir se estava em estado de consciência ou não no momento da prática do crime pode alterar todo o desfecho jurídico, assim como alterou no romance supracitado. Outrossim, é fundamental afastar-se da visão meramente punitiva da pena, trazendo à tona os aspectos positivos da busca pela ressocialização através da má consciência, sendo um instrumento demasiadamente humano para buscar a redenção, assim como Raskólnikov busca ao desapontar-se consigo mesmo.

2. Metodologia

O modo de investigação do presente artigo é o qualitativo, fazendo uso das técnicas teóricas da revisão bibliográfica selecionada, por meio da análise propositiva do referencial teórico centrado especialmente em Dostoiévski e Nietzsche, por meio do método hipotético-dedutivo, determinando a explicação do tema, com propósito avaliativo-formativo. Para isso, foi utilizado o livro “*Metodologia da pesquisa em Direito*” (2022) de Marina Feferbaum e Rafael Marfei Rabelo Queiroz.

3. Vida e Obra de Dostoiévski

Nascido em Moscou (Rússia), Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski (1821-1881) é o autor de “*Crime e castigo*” (1866), clássico da literatura mundial que representa nova etapa de sua escrita: a fase áurea romancista, que se encerra com “*Os irmãos Karamázov*” (1880), e que Mikhail Bakhtin (2013) designa como um romance em que as personagens não se limitam à percepção cognitiva do autor, como ocorre nos romances comuns, mas agem como se fossem sujeitos plenos.

O escritor russo inova nesse gênero literário ao criar o “romance polifônico” (Bakhtin, 2013; Lopes, 2011), que, diferentemente do romance monológico (no qual o autor é onisciente e todas as demais “consciências” e vozes estariam subordinadas à dele), se trata de um gênero em que as vozes e consciências recaem sobre as personagens, responsivas e autônomas, que dialogam entre si¹ e deixam, portanto, de ser objetos e passam a atuar como sujeitos, em pé de igualdade até mesmo com o autor, a exemplo do que ocorre com as personagens Príncipe Stavioguín de “*Os demônios*” (1872) Ivan Karamázov de “*Os irmãos Karamázov*” e Raskólnikov de “*Crime e castigo*”.

Representação de sua época, o enredo de “*Crime e castigo*” desenrola-se na São Petersburgo do século XIX, em um período de efervescência histórico-social da sociedade russa, no qual os progressistas realizavam ampla reforma sociopolítica buscando a substituição do regime czarista através da defesa de ideias iluministas e da modernização das searas econômica e científica (Fran, 2018; Hobsbawm, 1982). Nesse contexto, se observa o desenvolvimento de diversas áreas do conhecimento contemporâneo, como a Antropologia, a Sociologia e a Criminologia, sendo, esta última, uma das temáticas centrais de “*Crime e castigo*”, que, além de questionamentos existencialistas, religiosos e morais, propõe inquisições relativas ao trágico social, ou seja, às angústias que atormentam a sociedade russa da época².

Por outro lado, no período em que publica “*Crime e Castigo*” – após o exílio na Sibéria (de 1849 a 1859) –, Dostoiévski enfrenta diversos problemas pessoais e familiares: passou a sofrer ataques epiléticos que o deixavam incapacitado, após ter conhecimento da brutal morte de seu pai, sua esposa falecera após longa e dolorosa enfermidade e, três meses depois, seu irmão sofrera um repentino e inesperado colapso, o que leva os críticos a assinalar que as vidas de seus personagens confundem-se com suas próprias vivências (Frank, 2006, p. 9; Mochulsky, 1967 *apud* Almeida, 2013).

Dito isso, analisa-se de que forma a criminologia é representada em “*Crime e castigo*” e quais impactos disso no desfecho da obra.

4. A Obra: *Crime e castigo*

O protagonista Raskólnikov é um “jovem das províncias” (Trilling *apud* Frank, 2013b, p. 144), representando a Europa do final do século XIX que, embora tenha experimentado avanços em diversos setores, é usada como pano de fundo para uma trama que se desenvolve no limite do racional e da loucura, da moral e do imoral, do ordinário e do extraordinário, e cujo cerne são os aspectos psico-criminológicos relacionados a esse personagem após ter praticado um assassinato.

¹ O que poderia tratar-se, para Bakhtin, da noção dialógica do Eu-Outro: “O sujeito é pensado a partir da concepção de interação eu-outro; ao mesmo tempo, essa compreensão do sujeito em relação com outrem, que lhe dá uma ideia de formação e de trocas discursivas, portanto de desenvolvimento, não lhe retira o caráter de uma ‘certa continuidade de consciência’” (Oliveira, 2011). Conferir também Sobral (2009).

² De acordo com Joseph Frank (2013b, p. 32) “[...]é essa capacidade imaginativa de tornar trágico o social, conjugada com seu gênio psicológico, que fornece às suas maiores obras esse alcance universal e esse poder nunca diminuído”.

De início, é preciso considerar sua situação de penúria, os esforços de sua pobre mãe Pulkhéria, de sua irmã Dúnia (responsável pelo sustento da família e que por isso sujeita-se a um casamento por interesse, bastante criticado por Raskólnikov, com Lújin, um verdadeiro devoto de si mesmo e do *status* social), o desolado destino de sua amada Sônia (filha do bêbado Marmieladov³, casado com a mórbida Catierina Ivanova, portadora da “carteira de identidade amarela”⁴, que busca tirar a família da miséria) e, por fim, o que mais o assola: Porfiri, inteligente juiz de instrução que o atormenta com suas deduções acerca do crime tratado no romance.

É esse o contexto em que Raskólnikov assassina uma velha usurária e sua sobrinha, e intenta se autojustificar considerando que, para alcançar o bem-maior da sociedade, pessoas extraordinárias podem praticar crimes não só com isenção de penalidades na seara jurídica, mas, além disso, sem que a culpa as aflija no campo da consciência.

5. O “limite” em *Crime e Castigo*

Em “*Crime e castigo*” observa-se um liame temático que vincula toda a obra de Dostoiévski: a ideia de limite, sobre a qual Bezerra (2003, p. 128), assevera que:

O tema do limite, levantado pelo homem do subsolo, é uma constante em toda a obra de Dostoiévski e está vinculado ao estado de crise por que passam as personagens. A peculiaridade principal dessa situação é a de encontrar-se a personagem diante de um limite. O homem está diante de um limite, alguém o proibiu de ultrapassá-lo, o homem desconsidera quem o proíbe e ultrapassa o limite.

O limite, portanto, diz respeito àquilo que é permissível não somente em relação a normas jurídicas, mas também a preceitos éticos e que, inspirando-se em figuras históricas (v. g., Licurgo, Sólon e Maomé), Raskólnikov considera que pode e deve ser ultrapassado para a obtenção de um objetivo maior e, referindo-se a Napoleão, afirma que

O verdadeiro *soberano*, a quem tudo é permitido, esmaga Toulon, faz uma carnificina em Paris, *esquece* um exército no Egito, *sacrifica* meio milhão de homens na campanha da Rússia e se safa com um calembur em Vilna; e ao morrer é transformado em ídolo – logo, *tudo* lhe é permitido. [...] Napoleão, as pirâmides, Waterloo – e uma viúva de registrador, sórdida, descarnada, velha (Dostoiévski, 2001a, p. 283).

A partir dessa concepção, Raskólnikov considera que se não agisse como Napoleão, seria, em suas próprias palavras, um mero piolho, um ser acrítico. A relevância da questão que exterioriza não está centrada na violação das regras jurídicas e morais, mas na superação do sentimento de culpa em sua própria consciência, já que Raskólnikov – cujo nome sintomaticamente origina-se do termo russo *raskol*, significando cisma, cisão⁵ – não limita sua concepção ao direito positivo, e tem sua consciência dividida por indagações acerca do limite.

Nesse sentido,

A imagem de Bazárov elogiada no ensaio de Píssarev traz consigo todos os componentes do futuro Raskólnikov: a crença de que ele pode passar por cima dos ditames da *consciência*; a convicção de que não permitiria ser afetado por qualquer “regulador moral”; o desprezo que sentia por aquela porção da humanidade que aceitava com placidez o destino do qual a elite formada pelas ‘outras pessoas’ está lutando para libertar-se; a pouca disposição a sacrificar o presente em prol do futuro (Frank, 2013b, p. 117).

³ “Nome [que] indica sua falta de força de vontade” (Frank, 2013b, p. 146).

⁴ Documento de identidade, escrito em papel amarelo, destinado às prostitutas na Rússia antes de 1917, espécie de salvo-conduto para o exercício da prostituição (Dostoiévski, 1866, p. 31).

⁵ Em *Crime e castigo*, a utilização desse nome pode ser tratada de forma metafórica, referindo-se justamente à dicotomia existente e relatada pela qual a personagem passa: a *cisão* entre o racional e o irracional, ou seja, ultrapassagem do limite.

É de se sublinhar, todavia, que, em escritos que publica no jornal “*Discurso Periódico*”, Raskólnikov defende a ideia de que o limite poderia ser superado pelos extraordinários, mas não a ideia distorcida de que “...as pessoas extraordinárias devam e sejam forçosamente obrigadas a cometer sempre toda sorte de desmandos” (Dostoiévski, 2001a, p. 268).

Diante desse contexto, o protagonista rompe os limites antepostos pela moral prevalente com uma machadada, cruzando a barreira e, asquerosamente, ameahando a ideia de que, em prol de um bem maior, tudo seria permitido aos extraordinários. Faz-se ainda, por oportuno, a remissão ao questionamento que Dostoiévski proporá futuramente pelas palavras de Ivan Karamázov: “Se Deus não existe, tudo é permitido?” (Dostoiévski, 2001b, p. 109).

Como será avaliado, uma consideração judiciosa a respeito do rompimento desse limite, e seu vínculo com noções relacionadas à criminologia, expostas em “*Crime e castigo*”, sugere a análise de aspectos da filosofia de Friedrich Nietzsche e da representação da má consciência na antiga tragédia grega.

6. Nietzsche: um Interlocutor de Dostoiévski

Precursor de várias ideias fundamentais da psicologia moderna (Assoun, 1991), o filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) – que tem em Napoleão um exemplo de *Übermensch* (que pode ser aqui traduzido por super-homem): aquele que, com “um olho irônico e distanciado”, “paira acima das coisas” (Campos Júnior, 2019) – considera Dostoiévski o “...único psicólogo, diga-se de passagem, com quem tive algo a aprender” (Nietzsche, 2017, p. 45), manejando-o para configurar suas ideias a respeito das noções de culpa e má consciência, expostas, sobretudo em seu livro “*Genealogia da moral*” (1887).

Um dos aspectos da obra de Dostoiévski que certamente contribui para a concepção de Nietzsche é a circunstância de que em “*Memórias do subsolo*” (1864)⁶ tem-se a consciência como algo sádico, no sentido de que, embora traga tristeza, é profundamente adorada pelo homem:

O sofrimento..., mas isto constitui a causa única da consciência. Embora tenha afirmado, no início, que a consciência, a meu ver, é a maior infelicidade para o homem, sei que ele a ama a consciência e não a trocará por nenhuma outra satisfação (Dostoiévski, 2000, p. 48).

Já em “*Crime e castigo*”, a consciência é representada por meio do castigo que, através do arrependimento – tanto na perspectiva psicológica como na espiritual –, estimulado pela má consciência, busca alcançar a redenção consigo mesmo.

6.1 Má consciência e castigo em “*Genealogia da moral*”: uma polêmica e sua relação com “*Crime e castigo*”

Em suas reflexões, Nietzsche realiza estudos sobre a proveniência (genealogia) dos valores morais e considera que a culpa se fundamenta em uma relação íntima com o conceito de “dívida”, fazendo-se uma análise sob o argumento de que ambas teriam uma mesma palavra no alemão: *Schuld*⁷. Por seu turno, a “...má consciência diz respeito aos instintos do homem que se voltam contra ele mesmo: ‘O sofrimento do homem *com o homem*, *consigo*: como resultado de uma violenta separação do seu passado animal’” (Nietzsche, 2009, p. 16).

É precisamente o que Dostoiévski assinala, ao considerar que a má consciência consistiria no resultado de o homem “cortar o cordão umbilical com seu passado (selvagem) de forma irreversível”⁸; no conflito originado dessa mudança impactante. Seria, assim, a divergência entre os antigos instintos baseados na força e no prazer e a domesticação do homem, através do descobrimento da consciência – que se voltaria contra si mesma.

⁶ Também traduzido como Notas do subsolo ou Notas do subterrâneo. “Nesse sentido, após encontrar casualmente esse livro de Dostoiévski em uma livraria, Nietzsche escreve a seu amigo Franz Overbeck que ‘a voz do sangue (como denominá-lo de outro modo?) fez-se ouvir de imediato e minha alegria não teve limites’” (Nietzsche, carta de 23 de fevereiro de 1887 in: Dostoiévski 2000, p. 9).

⁷ Traduzida desta forma na doutrina brasileira por Farias; Netto; Rosenvald (2019, p. 670).

⁸ Fazendo uso das palavras da personagem Piotr Petrovitch Lújin (Dostoiévski, 2001a, p. 161).

Essa domesticação, mediante a repressão dos impulsos primeiros por meio da implementação do medo do erro, do crime ou do pecado, é visivelmente tratada por Dostoiévski em “*Memórias do subsolo*”, na qual o solitário e angustioso protagonista torna-se infértil em suas atitudes e ideias: em tornar-se algo.

Bem, com a consciência obtém-se o mesmo resultado, isto é, também não haverá nada a fazer; mas pelo menos poderemos espancar a nós mesmos, de vez em quando, e isto, apesar de tudo, infunde ânimo. Ainda que seja retrógrado, é sempre melhor que nada (Dostoiévski, 2000, p. 48).

A partir disso, nota-se que Raskólnikov, após seu crime, é perturbado justamente por esta má consciência – a consciência da culpa –, que o transtorna, sugando sua sanidade e racionalidade (tão prezada pelos homens ditos “modernos”), após a prática de um ato brutal, fruto do instinto mais selvagem desse animal capaz de pensar de *per si*.

Já o castigo, para Nietzsche, “teria o valor de despertar no culpado o *sentimento de culpa*” e origina-se do instinto de prazer com o sofrimento alheio presente na humanidade antiga (Nietzsche, 2009, p. 6).

A consciência é o último e derradeiro desenvolvimento do orgânico e, por conseguinte, o que nele é mais inacabado e menos forte. Do estado de consciência vêm inúmeros erros que fazem um animal, um ser humano, sucumbir antes do que seria necessário[...]. Antes que uma função esteja desenvolvida e madura, constitui um perigo para o organismo[...] (Nietzsche, 2012, p. 11).

Relacionando a consciência ao castigo, ao ser questionado sobre como o culpado deveria proceder em relação à consciência, Raskólnikov afirma que

Quem a tem que sofra, caso reconheça o erro. Esse é o seu castigo – além dos trabalhos forçados[...]. Que sofra se tem pena da vítima... O sofrimento e a dor são sempre obrigatórios para uma consciência ampla e um coração profundo. Os homens verdadeiramente grandes, a meu ver, devem experimentar uma grande tristeza no mundo. (Dostoiévski, 2001a, p. 273).

É notório então que, para Dostoiévski, o castigo é o sofrimento e o arrependimento – impulsionados pela própria consciência – juntamente às punições estatais. Outrossim, percebe-se o abalo sofrido por aqueles que rompem o limite supracitado, mas que não possuem capacidade psicológica para carregar o fardo dessa ruptura, o que será devidamente representado através das angustias sofridas pelo protagonista retratadas durante o romance.

6.2 A representação greco-romana da má consciência: as Erínias

Uma vez entrevistados tais aspectos da filosofia de Nietzsche, passa-se à análise da representação da má consciência na tragédia grega antiga, como elemento que permita ao interlocutor compreender algumas das noções relacionadas à criminologia em “*Crime e castigo*”. Tem-se em mira, como assinala Jean-Pierre Vernant (2008, p. 3) em “*O momento histórico da tragédia na Grécia: algumas condições sociais e psicológicas*”, que a tragédia “...marca uma etapa na formação do homem interior, do homem como sujeito responsável [...]. A verdadeira matéria da tragédia é o pensamento social próprio da cidade, especialmente o pensamento jurídico em pleno trabalho de elaboração”.

Exemplo disso é o que ocorre em *Eumênides*, escrita pelo tragediógrafo Ésquilo (525/524 – 456/455 a.C.), em que se refere às Erínias (transliteração de *Ἐρινύες*, *Erinýs*) – que os romanos identificavam como Fúrias –, monstros alados cuja função essencial consiste na vingança dos crimes:

As Erínias são os instrumentos da vingança divina em função da *hýbris*, o descomedimento dos homens, que elas punem, semeando o pavor em seu coração. Já na antiguidade clássica eram identificadas com ‘a consciência’.

Interiorizadas, simbolizam o remorso, o sentimento de culpabilidade, a autodestruição de todo aquele que se entrega ao sentimento de uma falta considerada inexprimível. De qualquer forma, podem transformar-se em *Eumênides*, isto é, em *Benevolentes*, *Benfazejas*, como na terceira tragédia da *Oréstia* de Ésquilo, quando a razão, simbolizada por Atená, reconduz a "consciência mórbida" tranquilizada a uma apreciação mais equilibrada dos atos humanos. (Brandão, 2009, p. 210, grifo do autor).⁹

Protagonista de *Eumênides*, Orestes, mata sua mãe, Clitemnestra, como vingança pelo fato de ela ter assassinado seu pai, Agamemnon (rei de Micenas e comandante dos gregos na Guerra de Troia), e por isso é atormentado pelas Erínias:

Em frente à nossa vítima cantamos um hino dedicado às sacras Fúrias, vertiginoso e delirante, a ponto de provocar nos homens a loucura e de lhes imobilizar a mente, canto sem os acordes de uma lira que os horroriza e os seca de medo (Ésquilo, 1991, p. 158).

Fugindo à implacável perseguição, Orestes abraça-se à imagem de Atena (a deusa da guerra, da civilização e da sabedoria, protetora da cidade de Atenas – que, na mitologia romana, recebe o nome de Minerva) e implora sua proteção, ocasião em que a deusa surge e convence as Erínias de que seja realizado um julgamento por um júri formado por seis dos mais distintos cidadãos e, ademais, que “o alto tribunal assim constituído / terá perpetuamente essa atribuição” (Ésquilo, 1991, p. 169).

Atena é “a última a pronunciar o voto / e o somarei aos favoráveis a Orestes” – origem da expressão “voto de Minerva” – e, por fim, toma uma decisão contrária às Fúrias que por isso passam a configurar-se como Eumênides (benevolentes). Desta forma, “a integração das Erínias na nova ordem da cidade” (Vernant, 2008, p. 11) simboliza a mudança de uma justiça individualista, baseada na vingança, para uma justiça social, baseada no Direito, perspectiva que se alinha às ideias de subjetividade e de limite, tais como vistas no romance de Dostoiévski, conduzindo à caracterização de alguns aspectos da criminologia que é possível entrever em “*Crime e castigo*”.

Dessa forma, assim como a má consciência atormenta a consciência dos que se sentem culpados através do remorso, as Erínias se vingavam dos crimes atingindo, também, a consciência daqueles que os praticaram.

7. Aspectos Gerais da Criminologia

A Criminologia é a ciência que, juntamente com o Direito Penal e a Política Criminal, constitui a base das chamadas Ciências Criminais. “No entanto, se é verdade que enquanto ciência a criminologia tem uma curta história, não é menos verdade que tenha um longo passado – ou pré-história –, ou ainda uma larga etapa pré-científica” (Shecaira, 2020, p. 92), caracterizada pela ausência de fundamentos teóricos e doutrinários sólidos, sobre a qual, à guisa de exemplo, é bastante conhecida a já ultrapassada obra do psiquiatra, cirurgião, higienista, criminologista, antropólogo e cientista italiano Cesare Lombroso (1835 – 1909), *O homem delinquente* (1876).

Superado os modelos criminológicos pautados pela tentativa de categorização dos criminosos baseando-se em critérios fisiológicos, os criminologistas passaram a se aprofundar em questões psicológicas para configurar o perfil do criminoso – contexto amplamente trabalhado em “*Crime e castigo*”, em que há forte impacto na percepção e influência da manifestação da consciência do protagonista após ter praticado um crime, além de sua importância na elaboração de sua sentença.

⁹ Conferir também o “*Dicionário de mitologia grega e romana*, verbete Erínias” de GRIMAL (2005, p. 146).

7.1 A mudança da perspectiva sobre o crime e sua influência em “Crime e castigo”

No século XIX, fundada apenas na jurisdição, a atuação estatal não se adaptava às variadas e profundas mudanças sociais que, acompanhadas do fervoroso acúmulo de capital, da crise do sistema feudal e do crescimento das cidades e mercados, teve como uma de suas consequências o farto aumento de crimes praticados nos centros urbanos. Essa conjuntura social é modelada em “*Crime e castigo*”, na seguinte fala de Razumíkhin¹⁰, fiel amigo de Raskólnikov:

Já nem falo que os crimes aumentaram na classe inferior nos últimos cinco anos; não falo das pilhagens constantes que aconteceram em toda parte nem nos incêndios; o mais estranho para mim é que os crimes estão aumentando da mesma forma nas classes superiores, e por assim dizer, paralelamente [...] E se agora essa velha usurária tiver sido assassinada por um de seus clientes de penhor – e essa pessoa terá de ser da sociedade mais alta, uma vez que os mujiques não empenham objetos de ouro –, então, a que atribuir esse desregramento – por um lado – da parcela civilizada da nossa sociedade? (Dostoiévski, 2001a, p. 164).

O contexto social e a personalidade do delinquente passam a figurar na complexa análise de como o crime acontece. Dessa forma, já não basta a prisão e a mera punição do corpo, urge analisar todo o contexto em que vive e pensa o criminoso, sendo, nas palavras de Molina (2013, p. 32), a Criminologia:

Uma ciência empírica e interdisciplinar, que se ocupa do estudo do crime, da pessoa do infrator, da vítima e do controle social do comportamento delitivo, e que trata de subministrar uma informação válida, contrastada, sobre a gênese, dinâmica e variáveis principais do crime – contemplando este como problema individual e como problema social –, assim como sobre os programas de prevenção eficaz do mesmo e técnicas de intervenção positiva no homem delinquente.

Direcionando-se àqueles tempos de mudanças, tanto na forma de pensar (pela revolução francesa) como na economia (pela revolução inglesa), o Estado passa a cumprir uma função mais técnica e ativa, tendo de investigar profundamente as raízes dos delitos, decerto que a simples aplicação da lei não se mostrava mais suficiente em face do aumento de crimes praticados nos centros urbanos. É nesse período que a obra está inserida, retratando, em diversas falas, como as supracitadas, o momento de fecundação artística que Eric Hobsbawm trata como “revolução dupla”:

Se a economia do mundo do século XIX foi formada principalmente sob a influência da revolução industrial britânica, sua política e ideologia foram formadas fundamentalmente pela Revolução Francesa. A Grã-Bretanha forneceu o modelo para as ferrovias e fábricas [...]; mas foi a França que fez suas revoluções e a elas deu suas ideias, [...] forneceu o vocabulário e os temas da política liberal e radical-democrática para a maior parte do mundo (Hobsbawm, 1996, p. 71).

Também nesse contexto de dupla revolução que a obra “*Crime e castigo*” está inserida, representando as entrelinhas sociopolíticas da época através da literatura como expressão artística do gênero humano que, melhor do que qualquer outra, consegue abordar o contexto histórico-social por intermédio das vivências dos personagens.

A primeira coisa que surpreende a qualquer um que tente analisar o desenvolvimento das artes neste período de revolução dupla é seu extraordinário florescimento. Meio século que inclui [...] Dostoiévsky [entre outros], para não mencionarmos um batalhão de homens que seriam gigantes em qualquer outra companhia. (Hobsbawm, 1996, p. 275).

Dessa forma, o homem moderno, muitas vezes visto com desprezo – como em Nietzsche e no próprio Dostoiévski – é representado por intermédio da supervalorização da consciência. É, nesse compasso, notável a relevância atribuída pelo processo racional às ciências em “*Vigiar e punir*” (1987), obra na qual Foucault trata do processo de adaptação da pena. Não

¹⁰ Do vernáculo russo “razum”, “razão” (FRANK, 2013b, p. 147)

obstante, em suas elucubrações, o autor demonstra que, diferente do suplício – meramente corporal e espetacular –, a punição passa a buscar a remição com sua própria consciência (Foucault, 1987, p. 267):

Todo um conjunto de julgamentos apreciativos, diagnósticos, prognósticos, normativos, concernentes ao indivíduo criminoso encontrou acolhida no sistema do juízo penal. Uma outra verdade veio penetrar aquela que a mecânica judicial requeria: uma verdade que, enredada na primeira, faz da afirmação de culpabilidade um estranho complexo científico-jurídico. (Foucault, 1987, p. 23).

A punição passa, assim, a ter fundamento científico, não mais estando somente adestrada às marras da vingança imperiosa: o criminólogo toma as rédeas dos magistrados. Passa-se, portanto, a questionar os motivos, o autor e o próprio crime, não mais limitando a punição ao enquadramento do ato à lei: procura-se entender o contexto, as soluções e o próprio sujeito através da criminologia, para que se atinja a sua consciência, alimentando o sentimento de remorso, de culpa, ou melhor, a sua má consciência expiatória.

7.2 A significação da Criminologia em “Crime e castigo”

Embora já se falasse em criminologia, foi no período de “*Crime e castigo*” (a metade do século XIX) que se desenvolveram diversos setores “criminológicos”, como a antropologia, a sociologia, dentre outros – mormente no setor criminal.

Preocupando-se com o aumento de hábitos prejudiciais à sociedade, Hobsbawm (1996, p. 225) afirma que não só a bebida, mas também o infanticídio, a prostituição, o suicídio e a demência se revelam indícios de uma gradativa deterioração social da época, relacionados às condições degradantes em que vivia grande parte dos trabalhadores “graças em grande parte ao trabalho pioneiro na época daquilo que hoje em dia seria chamado de medicina social”.

Em determinada passagem, reforçando este fato, Raskólnikov depara-se com uma menina sendo molestada:

Pobre menina! ... – disse ele, olhando para o canto vazio do banco. – Vai voltar a si, chorar, depois a mãe ficará sabendo de tudo... Primeiro irá espancá-la, depois acoitá-la, para doer e envergonhar, pode ser até que expulse de casa... [...] Depois logo irá bater com os costados num hospital (e isto sempre acontece com aquelas que vivem com suas mães muito honestas e fazem travessuras às escondidas delas), e depois... depois novamente hospital... vinho... botecos... e de novo hospital... dois, três anos depois estará mutilada, aos dezoito ou dezenove anos de vida apenas... [...] Essa tal *porcentagem*, dizem, deve ir todo ano... para algum lugar... para o diabo, deve ser, para revigorar as demais e não lhes atrapalhar. Porcentagem! Excelentes, verdade, essas palavrinhas deles: são tão tranquilizantes, científicas! Foi dito: porcentagem – logo, não há motivo para inquietação... E se de alguma maneira Dúnietchka entrar na porcentagem! ... Se não nessa, mas em outra? (Dostoiévski, 2001a, p. 65, grifo nosso).

O protagonista reflete sobre tais “porcentagens”, que atestam um aspecto distanciado e meramente numérico do dado criminal, prática difundida no estudo criminalístico de Adolphe Quételet (1796-1874), estatístico-social belga do século XIX, que contribuiu consideravelmente para os estudos criminológicos utilizando teorias fundadas na estatística.

Na Rússia, com a publicação da obra “*O homem e o desenvolvimento das suas faculdades, testes físicos de uma construção social*” (1835) de Quételet, tais porcentagens tornaram-se práticas rotineiras nos jornais locais (Dostoiévski, 2001a, p. 66), de modo que, mesmo sendo antiquada se comparada às complexidades atuais, era útil em seu tempo para que se tivesse algum controle da criminalidade.

7.3 A importância do diagnóstico do estado de loucura de Raskólnikov e seus impactos na sentença

Doravante, com ditos “avanços” da Criminologia, surgem instituições de tratamento compulsório, clínicas e hospitais psiquiátricos, hospícios, entre outras formas de constatar e tentar tratar a loucura e de compor nova forma de compreender e tratar o delito e o delinquente:

O asilo psiquiátrico, a penitenciária, a casa de correção, o estabelecimento de educação vigiada, e por um lado os hospitais, de um modo geral todas as instâncias de controle individual funcional num duplo modo: o da divisão binária e da marcação (louco-não louco; perigoso-inofensivo; normal-anormal); e o da determinação coercitiva, da repartição diferencial (quem é ele; onde deve estar; como caracterizá-lo, como reconhecê-lo; como exercer sobre ele, de maneira individual, uma vigilância constante, etc.) (Foucault, 1987, p. 223).

Dessa forma, percebe-se que é através da vigilância e da aplicação de diversas técnicas de controle, que domesticam e padronizam a sociedade – sendo esses alguns dos vários motivos do desassossego do protagonista de “*Crime e castigo*” –, que o pensamento criminológico da época se desenvolve, visando nitidamente readequar os ditos “anormais” para que se encaixem nas engrenagens do mecanicismo político-social.

E são, de fato, essas pesquisas e teorias, fundadas no pensamento patológico do crime, que dominam o século XIX, aproximadamente uma década após a publicação de “*Crime e castigo*”, como se observa no seguinte trecho, no qual é notória a tentativa científica de qualificar os loucos e estudá-los, a fim de curá-los:

É do seu conhecimento que em Paris já se fizeram sérias experiências com a possibilidade de curar os loucos apenas mediante convencimento lógico? Um professor de lá, cientista sério, que morreu há pouco tempo, imaginou que é possível curar dessa maneira. A ideia central dele é a de que no organismo dos loucos não existe uma perturbação especial e que a loucura é, por assim dizer, um erro de lógica, um erro de juízo, uma concepção incorreta das coisas. Ele foi refutando gradativamente a doença e, imagine, obteve resultados, segundo dizem! Mas como nesse processo ele também usou duchas, os resultados desse tratamento são, é claro, objeto de dúvida... Ao menos assim parece... (sobre os estudos e debates sobre a loucura) (Dostoiévski, 2001a, p. 433).

Visando demonstrar que a obra de Dostoiévski se adequa como um fruto de sua realidade e tempo, no decorrer do romance, em várias passagens, Raskólnikov tenta se convencer de que não é um criminoso comum. E, posteriormente à sua confissão, em seu julgamento, foi emitido um parecer psiquiátrico relatando que é realmente diferente dos demais delinquentes, embora por razões distintas das que o próprio acreditava possuir:

[...] concluíram que o próprio crime não podia haver sido cometido senão em algum estado momentâneo de loucura, por assim dizer, de monomania mórbida de assassinato e saque, sem outros fins e cálculos de vantagem. Aqui, a propósito, veio a calhar a moderna teoria em moda sobre a loucura momentânea, que atualmente se procura aplicar com tanta frequência a outros criminosos. Além do mais, o antigo estado hipocondríaco de Raskólnikov foi declarado em detalhes precisos por muitas testemunhas como o doutor Zóssimov, os seus antigos colegas, a senhoria, a criada. Tudo isso contribuiu fortemente para a conclusão de que Raskólnikov não apresentava grande semelhança com um assassino comum, um bandido e ladrão, e de que nesse caso havia algo diferente. (Dostoiévski, 2001a, p. 544).

Fica, portanto, afirmada a concepção criminológica de um tempo na obra de Dostoiévski, evidenciando-se, de maneira correlata, a relevância que o estudo da psicologia proporcionou para a formação e compreensão da mente de um criminoso, no caso de Raskólnikov, e para a própria produção literária de seu tempo. Evidencia-se, ainda, a importância do estudo criminológico para o caso, trazendo à tona o impacto dos psicólogos na decisão final, já que chegaram à conclusão de que o crime fora cometido sem razões plausíveis, restando o entendimento de que se passou em um “estado momentâneo de loucura” (Dostoiévski, 2001a, p. 544).

E, com esteio nesse substrato psicológico e criminológico, que se volta ao delinquente no aprofundamento de suas razões conscientes e inconscientes, que, dadas as circunstâncias atenuantes e agravantes, percebe-se a pena dada à Raskólnikov como benevolente, pois

O criminoso não só se negou a justificar-se como também pareceu esboçar o desejo de acusar-se ainda mais [...]; o estado mórbido e desastroso do criminoso antes do crime não foi objeto da mínima dúvida [...]; [ademais, ele] não ter se aproveitado do produto do roubo foi considerado em parte como efeito do arrependimento já manifesto, em parte

como estado não plenamente são das faculdades mentais no momento da execução do crime. (Dostoiévski, 2001a, p. 544)

“Além disso, apareceram ainda outras circunstâncias absolutamente inesperadas, que favoreceram intensamente o réu” (Dostoiévski, 2001a, p. 546), apresentadas por Razumíkhin, seu fiel amigo. Ao fim, tudo isso demonstra as implicações que as elucubrações criminológicas voltadas ao estado da consciência no momento da prática do crime tiveram na sentença final do romance dostoiévskiano. Um belo exemplo de culpa e expiação, de busca pela redenção, pela benevolência das Eumênides, no aparo à culpa interior do ser humano que delinque: um mistério do inconsciente que, muito antes da Criminologia, os Gregos já haviam percebido e trataram de retratar em suas didáticas tragédias.

8. Conclusão

Diante do anteposto, nota-se necessário perceber a importância do rompimento do limite de Raskólnikov e seu significado para a obra e para humanidade, ressaltando o impacto e a influência da criminologia ao explorar e estudar esses fenômenos, expostos em “*Crime e castigo*”, por meio da vicissitude do protagonista e seu desejo por expiação de sua culpa.

Visto isso e analisados aspectos da filosofia da obra dostoiévskiana, como a culpa, a consciência e o castigo, observa-se a influência do escritor russo nos estudos do filósofo alemão Friedrich Nietzsche que, como um interlocutor de Dostoiévski, retrata a má consciência em seus estudos partindo dos aspectos citados; além do mais, traduzida a importância da significação da má consciência na Grécia antiga através da tragédia “*Eumênides*”, de Ésquilo, percebe-se a relevância do remorso e seus impactos na consciência do culpado.

Dessa forma, frente ao aumento dos crimes em quantidade e em complexidade nos centros urbanos, durante o século XIX, a Criminologia de seu tempo ressaltava-se como ciência extremamente necessária à resolução desses incidentes, mormente no que se refere ao estudo do estado de consciência e do contexto do criminoso.

Nesse sentido, a insuficiência da punição meramente corporal é superada por um castigo mais voltado para a reintegração do criminoso à sociedade, buscando não mais apenas se vingar, mas castigá-lo de forma a causar-lhe reflexões sobre suas ações, estimulando sua má consciência a reformular suas condutas: assim como as *Eumênides*, outrora vingativas (e, então, denominadas *Erínias*) fizeram com Orestes.

Dada a relevância da criminologia na época de “*Crime e castigo*”, abordou-se o impacto dessa ciência no entendimento e no julgamento do protagonista, que tem sua pena influenciada (no caso, atenuada) pelas conclusões baseadas nos estudos criminológicos do culpado. E, realmente, como foi concluído que o crime fora praticado em um estado de loucura, a pena do jovem ex-estudante de direito foi amenizada, adaptada à sensação de expiação e à possibilidade de reintegração social do delinquente: ao invés da pena capital, trabalhos forçados em oito anos, reforçando-se o pensamento da época e a inserção da psicologia não apenas na vivência literária, mas, sobretudo, nas ciências criminológicas que emergiam naquele tempo.

Isto não ocorreria em outras realidades temporais, em que pouco importava o estado de consciência do autor do crime e a única função da Justiça era castigar o corpo em um ato de vingança, e não buscar a redenção do criminoso atingindo sua consciência, ou, em outras palavras, instigando sua má consciência. Essa integração de motivos sociológicos se dá, fundamentalmente, pelas mudanças paradigmáticas que surgem na filosofia da virada do século XIX, sobretudo em Nietzsche, mudanças que, como atestamos, se espalham para outros campos do saber, como a sociologia, a psicologia, a criminologia, o direito penal e, logicamente, a literatura, influenciando autores e obras, tal como vimos acontecer em “*Crime e Castigo*” de Dostoiévski.

Essa é uma análise que porventura poderá estimular futuros estudos mais aprofundados, uma vez que a temática é bastante extensa e apresenta perspectivas de pesquisas em diversas áreas, como a Literatura, a Filosofia e o Direito.

Referências

- Almeida, G. T. D. (2013). *Pelo prisma biográfico: Joseph Frank e Dostoiévski* (Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura Russa). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Assoun, P. L. (1991). *Freud & Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. (2a ed.). Brasiliense.
- Bakhtin, M. (2013). *Problemas da poética de Dostoiévski*. (5a ed., Trad. Paulo Bezerra). Forense Universitária.
- Bezerra, P. (2003, 10 de julho). Breves considerações sobre a obra de Dostoiévski. *Cadernos de Letras da UFF* (27), 119-141.
- Brandão, J. D. S. (2009). *Mitologia grega*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda.
- Campos, L. V., Jr. (2019). *Ego fatum: Nietzsche e o imperativo do impulso*. 202f. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Dostoiévski, F. M. (2000). *Memórias do subsolo*. (Trad. Boris Schnaiderman). 34.
- Dostoiévski, F. M. (2001a) *Crime e castigo*. (Trad. Paulo Bezerra). 34.
- Dostoiévski, F. M. (2001b) *Os irmãos Karamázov*. (Trad. Paulo Bezerra). 34.
- Ésquilo. Eumênides. (1991). In: Ésquilo (Org.). *Oréstia: Agamêmnon, Coéforas, Eumênides*. (2a ed., Trad. Mário da Gama Kury, pp. 141-191). Jorge Zahar Editor.
- Farias, C. C. D., Netto, F. B. & Rosenvald, N. (2019). *Manual de Direito Civil*. (4a ed.). JusPodivm.
- Foucault, M. (1983). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. (27a ed.). Vozes.
- Frank, J. (2006, 11 de setembro). *A confluência da literatura com a filosofia*. (Fiódor Dostoiévski: pelos subterrâneos do ser humano). *IHU On-line* (195), pp. 5-11. <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao195.pdf>
- Frank, J. (2013a). *Dostoiévski 1860-1865: os efeitos da libertação*. Edusp.
- Frank, J. (2013b). *Dostoiévski 1865-1871: os anos milagrosos*. Edusp.
- Frank, J. (2018). *Dostoiévski 1821-1849: as sementes da revolta*. Edusp.
- Hobsbawm, E. J. (1982). *História do Marxismo II: o marxismo na época da segunda Internacional* (Primeira parte, 3a ed.), Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Hobsbawm, E. J. (1996). *A era das revoluções*. Paz e Terra.
- Lopes, E. (2011). Discurso literário e dialogismo em Bakhtin. In: Barros, D. L. P. D. & Fiorin, J. L. *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin*. (2a ed.) Edusp.
- Mochulsky, K. (1967). *Dostoevsky, his life and work*. Princeton University Press.
- Molina, A. G. P. D. (2002). *Criminologia: uma introdução a seus fundamentos teóricos*. (4a ed.). Revista dos Tribunais.
- Nietzsche, F. (2009). *Genealogia da moral: uma polêmica*. (Trad. Paulo César de Souza). Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. (2000). Carta de 23 de fevereiro de 1887. In: F. M. Dostoiévski. *Memórias do Subsolo*. 34.
- Nietzsche, F. (2012). *A gaia ciência*. (Trad. Paulo César de Souza). Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. (2017). *Crepúsculo dos ídolos*. (Trad. Paulo César de Souza). Companhia das Letras.
- Oliveira, R. S. D. (2011, dezembro). Análise da polifonia e estudos do Self em Dostoiévski. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso* 6(1). 10.1590/S2176-45732011000200011
- Queiroz, R.M. R. & Feferbaum, M. (2022). *Metodologia da pesquisa em direito*. Saraiva.
- Shecaira, S. S. (2018). *Criminologia*. Revista dos Tribunais.
- Sobral, A. (2009). Estética da criação verbal. In: B. Brait (Org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. Contexto.
- Vernant, J. P. (2008). Tensões e ambiguidades na tragédia grega. In: J. P. Vernant & P. Vidal-Naquet (Org.). *Mito e tragédia na Grécia Antiga* (pp 7-24). Perspectiva.